



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Marília



CULTURA  
ACADÊMICA  
*Editora*

# Introdução ao estudo da psicopatologia aplicada à Fonoaudiologia

Maria da Graça Chamma Ferraz e Ferraz

**Como citar:** FERRAZ, M. G. C. F. Introdução ao estudo da psicopatologia aplicada à Fonoaudiologia. *In:* FERRAZ, M. G. C. F. **Sujeito Psíquico e Sujeito Linguístico – uma introdução à psicopatologia aplicada à fonoaudiologia**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2001. p1-14. DOI: <http://doi.org/10.36311/2001.85-86738-17-4.p1-14>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## **Introdução ao Estudo da Psicopatologia Aplicada à Fonoaudiologia**

Este trabalho dirige-se prioritariamente a estudantes de Fonoaudiologia ou futuros profissionais ligados às áreas afins.

A discussão a que me proponho foi acionada pela experiência didática com alunos de Fonoaudiologia, nas disciplinas de *Psicolingüística* e *Psicopatologia Aplicada à Fonoaudiologia*. Em função disso, o que se segue parece ser do interesse direto de estudantes de Fonoaudiologia ou futuros profissionais de outra áreas ligadas ao estudo dos *Distúrbios da Comunicação e da Fala*.

Este estudo pretende apresentar as conseqüências de três anos de trabalho clínico-psicológico junto à uma equipe multidisciplinar de atendimento a indivíduos portadores de distúrbios da comunicação e da fala, bem como apresentar os resultados de uma prática de supervisão psicológica de estágios na área.

A intenção deste trabalho é fornecer, na medida do possível, referenciais - ainda que bem modestos - às práticas diagnóstica e terapêutica dos distúrbios da comunicação e da fala. Além disso, existe a intenção não menos prioritária, de construir um material didático referente às duas disciplinas, já citadas, do Currículo do Curso de Fonoaudiologia.

Infelizmente, por vários motivos dos quais não me cabe falar agora, o material teórico-didático referente à *Psicolingüística* é escasso. O referencial teórico da *Psicopatologia Aplicada à Fonoaudiologia* é, sem medo de errar, praticamente inexistente. Isto já tornaria justificada qualquer tentativa, por mais modesta que fosse, de organização de material didático relativo a essas disciplinas.

A Fonoaudiologia possui uma significativa herança médica. Ela tem sido, por vezes, tratada como uma atividade paramédica. Não possui ainda um referencial teórico próprio, uma vez que nasceu do entrecruzamento de várias áreas do conhecimento. Sendo assim, necessita de conhecimentos construídos em múltiplas áreas da Medicina (Otorrinolaringologia e Neurologia, para falar de apenas duas áreas médicas fundamentais). Além disso, necessita de conhecimentos odontológicos, psicológicos, físicos, biológicos, pedagógicos, lingüísticos etc...

A prática fonoaudiológica tem vivido dos *empréstimos de conhecimentos teóricos* que faz de várias disciplinas. Além de não possuir seu próprio corpo teórico, a Fonoaudiologia tem se preocupado prioritariamente, com a construção de *técnicas de abordagem diagnóstica e terapêutica*. Parece-me que a construção de um corpo teórico próprio e conectado com suas questões específicas tem sido preocupação secundária.

O preço que se tem pago pela ausência de um corpo teórico próprio são as técnicas diagnósticas e terapêuticas muitas vezes desconectadas de alguns aspectos do funcionamento geral do indivíduo, por exemplo o da instância psicossociológica.

Um indivíduo com *distúrbio de fluência* ou com *alterações na voz*, por exemplo, nem sempre pode ser diagnosticado e acompanhado terapeuticamente apenas a partir de condutas de natureza técnico-fonoaudiológicas. Qualquer problema que se apresente na voz de um indivíduo deve ser avaliado considerando-se mais do que suas condições orgânico-funcionais. Isto, porque todo um contexto psicossociológico está interferindo circunstancial ou permanentemente no desempenho lingüístico desse indivíduo. Este estudo tem como intenção

apontar pelo menos algumas circunstâncias nas quais essa interferência é bastante observada.

Boa parte dos terapeutas e estudiosos dos distúrbios da comunicação e da fala mostram-se receptivos à idéia de uma significativa interferência da condição psicológica do indivíduo em seu desempenho lingüístico. Porém, esse grupo receptivo encontra sérios problemas relativos à falta de um referencial teórico-técnico que possibilite a discriminação dessa interferência entre os vários quadros clínicos que se colocam cotidianamente na prática terapêutica. Falo de uma prática diagnóstica que permita o encaminhamento *adequado* do paciente, ou seja, ao tipo de trabalho psicológico mais eficaz. Falo ainda da ausência de um suporte teórico-psicológico que dê *segurança* ao fonoaudiólogo de estar discriminando *até onde o seu trabalho é capaz de auxiliar o paciente* e até onde a ausência de progresso (comum nos casos de *Voz* e de *Disfluência*) não é insuficiência da técnica de terapia da fala ou da estratégia de atuação do terapeuta.

Nos casos clínicos de *Voz* e *Disfluência*, por exemplo, muitas vezes a origem do sintoma não pode ser abordada por técnicas fonoaudiológicas. O paciente aprende a monitorar-se e recebe alta, para retornar alguns meses depois com os mesmos sintomas. Isto não significa necessariamente, insuficiência da técnica ou pouca habilidade do terapeuta da fala! Ele fez o trabalho dele da melhor maneira possível! Então, porque esse paciente retornou? Porque o seu problema *não é da alçada da Fonoaudiologia*. Embora ele necessite de um atendimento fonoaudiológico, os ganhos obtidos em termos de desempenho lingüístico não podem manter-se sem o apoio da *Psicoterapia* ou da *Psicanálise*. Portanto, é necessário que o fonoaudiólogo discrimine com competência e segurança o que a sua atuação *pode fazer* pelo paciente e o que *não pode fazer*.

Voltando à questão da carência de referenciais teóricos na área do que se pode chamar de uma *Psicofonoaudiologia*, se pensamos nos motivos que produzem essa carência entendemos que a literatura psico-clínica é extremamente densa e de difícil acesso a profissionais de outras áreas, mesmo aos profissionais psicólogos atuantes em campos não diretamente clínicos.

Para o *terapeuta* da fala, que está na *prática*, torna-se mais difícil ainda acessar essa literatura e *selecionar* de um vastíssimo arsenal teórico-técnico os recursos psicológicos dos quais ele necessita pontualmente.

Uma forma de auxiliar esse profissional - o que temos tentado realizar em nossa experiência didática, e como supervisora e psicóloga de equipe multidisciplinar - seria estabelecer as ligações fundamentais entre os recursos teóricos e técnicos da Fonoaudiologia e as informações psicológicas disponíveis na área teórico-clínica da psicologia. Dessa forma, o Fonoaudiólogo receberia dados valiosos para seu desempenho terapêutico futuro, desde a sua formação acadêmica.

Acontece porém, que oferecer o referido auxílio não é tarefa fácil. Os profissionais psicólogos também possuem sérias carências em áreas fundamentais do conhecimento, tais como as Ciências da Linguagem, imprescindíveis à Fonoaudiologia. Além disso sempre se corre o risco de banalizar referenciais teóricos complexos na tentativa de torná-los acessíveis a leigos em quaisquer áreas possíveis de conhecimento. No caso da Psicologia por exemplo, não é possível falar brevemente sobre a noção de *Inconsciente*. Muitos conceitos básicos são necessários antes de podermos apresentar o conceito de *Inconsciente* de maneira adequada. Muito tempo e investimento são necessários para levar essa tarefa a bom termo. Acontece que diante de tantas disciplinas

envolvidas no estudo da Fonoaudiologia, o espaço que cada profissional específico da equipe multidisciplinar possui é muito pequeno.

A sugestão para amenizar a carência de um referencial a que provisoriamente chamamos *Psicofonoaudiológico*, demanda um grande esforço de estabelecimento de *pontes teóricas* entre múltiplas disciplinas. São no mínimo três disciplinas envolvidas: Fonoaudiologia, Lingüística, e Psicopatologia.

O referencial psicológico-clínico - a *Psicanálise* - que tenho utilizado para a efetuação dessa *ponte teórica* e principalmente na atuação psicológica durante o *diagnóstico multidisciplinar*, não é o referencial psicológico da *Psicolingüística*, ciência que mais se aproxima da nossa chamada *Psicofonoaudiologia*. Insisto na Psicanálise porque parece-me ser o corpo teórico mais adequado ao estudo do chamado *sujeito lingüístico*. Isto porque, como veremos durante este estudo, o *sujeito lingüístico* é inviável na ausência do *sujeito psíquico*. A Psicanálise é o único referencial, de que tenho notícia, que tenta explicitar a constituição do *sujeito psíquico*. Ela nos aponta a medida em que *linguagem* e *psiquismo* são duas instâncias do desenvolvimento e da atividade humana *indissociáveis* em todos os aspectos.

Justifica ainda a opção pela Psicanálise o trabalho de *Jacques Lacan* que apresenta um material perfeitamente conectado aos conceitos da Lingüística. Lacan tenta “aproximar a estrutura do inconsciente da da linguagem e aplicar-lhe o método que em lingüística provou a sua fecundidade.” (Laplanche & Pontalis, 1970, p. 625) Esse método o ajuda a pensar o inconsciente como uma *cadeia de significantes*. (Vallejo & Magalhães, 1979, p. 125-42) Desenvolvendo essas idéias, Lacan estabelece uma ponte

teórica entre Psicologia e Lingüística, embora priorizando o estudo do *sujeito psíquico* e não o do *sujeito lingüístico*. Farei oportunamente um *Capítulo* especial à Psicanálise de Lacan.

As Ciências da Linguagem não costumam considerar em suas investigações a interferência de um plano psíquico de ordem inconsciente na produção lingüística. Esse objeto teórico, criado por S. Freud e retomado por seus seguidores, no entanto, é o conceito fundamental de todas as psicanálises.

No pensamento de Freud não contamos com a articulação entre a teoria do inconsciente e a lingüística saussureana como ocorre em Lacan,<sup>1</sup> mas Freud fala da *relação simbólica* referente a um modo de funcionamento do psiquismo. Um certo tipo de operação, através da qual o indivíduo associa certos *conteúdos latentes* (ausentes da consciência, mas atuantes na vida psíquica à revelia da mesma) a certas manifestações externas. Por exemplo as situações oníricas onde uma imagem recuperada em sonho pelo indivíduo está ocupando o lugar de uma outra coisa como se a estivesse representando. Através dessa idéia de que o psiquismo age mediante o simbolismo auxiliou Freud a pensar vários conceitos psicanalíticos.

A idéia de simbólico em Freud não é a mesma que em Lacan. Lacan trabalha com a idéia saussureana de *signo*, embora use a expressão *ordem do simbólico* mais próximo da noção de *função simbólica* das teorias cognitivistas. Ou seja, mais próximo da idéia de inserção do psiquismo primitivo (o dos primeiros meses do nascimento) em uma *estrutura simbólica*

---

<sup>1</sup>Freud fala d(a) simbólic(a), *die symbolik* no texto de 1900, *A Interpretação do Sonho*. Laplanche & Pontalis, 1970, p. 626: este termo é utilizado na Psicanálise em geral, para designar a *relação que une o conteúdo manifesto de um comportamento, pensamento ou palavra, ao seu sentido latente*.

especificamente humana. Veremos isto detalhadamente mais à frente no *Capítulo* sobre Lacan.

Freud dá como exemplo de *relação simbólica* o caso de uma paciente:

Uma paciente sofria de dores penetrantes entre as sobrancelhas. A razão era que uma vez, em criança, sua avó lhe dirigira um olhar inquisitório, 'penetrante'. ... Simbolizações desse tipo foram usadas por muitos pacientes, em todo um conjunto das chamadas nevralgias e dores. É como se houvesse a intenção de expressar o estado mental através do estado físico. (Freud, 1969, p. 46)

Podemos utilizar essa idéia de *relação simbólica* para pensar alguns casos de neurose associada a distúrbios de fluência. Essa idéia - como está em Freud - não basta porém, quando se trata da chamada *Psicose Precoce* ou *esquizoidia* (personalidades *esquizóides* que apresentam padrões singulares de fluência e desempenho lingüísticos). Nesses últimos casos, dos quais ainda falaremos pormenorizadamente, necessitamos mais rigorosamente de conceitos lingüísticos associados a conceitos de *Psicopatologia* e *Teoria da Personalidade*. Para dar conta dessa associação com a lingüística saussureana as idéias de Lacan são, sem dúvida alguma, as mais eficientes.

A psicanálise lacaniana ajuda justamente na tarefa de entender a fundação do *sujeito psicolingüístico*, o objeto que me parece ser o mais exato da Fonoaudiologia. Como já sabemos, a Lingüística não reconhece como sua a tarefa de investigar o *plano inconsciente de produção da linguagem* e isto afasta-a do objeto fonoaudiológico. Afinal sua tarefa tem sido, tradicionalmente, descrever as regras de funcionamento de uma dada gramática. Ela tem até reconhecido a importância dos processos psicológicos

na produção da linguagem, mas tem deixado para a Psicolingüística a tarefa de estudá-los.

Acontece que a Psicolingüística, encarregada da tarefa de pensar os aspectos psicológicas da aquisição e desempenho lingüísticos, tem se preocupado prioritariamente com o processo de *aquisição* da linguagem. Ela quase chega a confundir-se com as Psicologias do Desenvolvimento Humano e da Aprendizagem. Pode-se dizer que a Psicolingüística é uma ciência desenvolvida sobre apenas um dos aspectos do desenvolvimento humano geral. Ela é como um “pedaço” da Psicologia Geral, recortado e destacado da ciência mãe. A Psicolingüística realiza um aprofundamento lingüístico num período específico do desenvolvimento humano geral, ou seja, o da aquisição da linguagem.

Existem poucos estudos que aproximam a Psicolingüística de um estatuto próprio, como é o caso dos trabalhos da lingüista brasileira, Cláudia Lemos. Cláudia Lemos pensa o estabelecimento do *sujeito lingüístico*, de que ainda falarei. Posso lembrar ainda o trabalho de outra lingüista brasileira, Maria Irma Hadler Codry. Em seus estudos sobre a terapia dos distúrbios da linguagem, (Codry, 1988) Maria Irma Codry não faz uma psicolingüística propriamente, mas procura pensar o *sujeito lingüístico* de uma maneira mais abrangente do que aquela que o entende como um exclusivo *sujeito da cognição*.

Pensando em termos gerais, a Psicolingüística permanece uma disciplina sem estatuto próprio. Continua sendo uma área específica da Psicologia ou da Lingüística. E ela precisa desse estatuto próprio porque, principalmente na prática terapêutica, ela possui problemas específicos, conseqüentes da *interdisciplinaridade* de seu objeto de estudo. Mesmo no caso

das lingüistas brasileiras - a quem devemos reconhecimento pelo brilhante trabalho - a questão psicológica é colocada sempre a partir de referenciais alheios à idéia de inconsciente.

Talvez, por herança mesmo das ciências psicológicas, as áreas do conhecimento psicológico mais investidas pela Psicolingüística não sejam aquelas em que se considera o espaço psíquico inconsciente. A Psicolingüística é herdeira da Psicologia Positivista, ou seja, do *Behaviorism* Skinneriano da metade do século XX.<sup>2</sup>

A Teoria da Aprendizagem encanta os lingüistas da metade do século porque possibilita entender a linguagem como *comportamento verbal*. (Peterfalvi, 1973, p.15). Isto quer dizer que os teóricos positivistas da *Teoria da Aprendizagem* conseguem equacionar o problema da aquisição da linguagem, colocando o fenômeno da linguagem em termos objetivos, limitando rigorosamente um *objeto de análise*: o *comportamento verbal*. Colocar a produção lingüística em termos de *comportamento observável* significa para os lingüistas um grande achado.

O *Behaviorism*, nasce como uma tentativa de objetivação do alvo dos estudos psicológicos, com a intenção declarada de dar provas de sua cientificidade. Ele é por definição mesma, uma escola indisposta à teorização e exclusivamente preocupada com a prática e com os estudos experimentalistas.

---

<sup>2</sup> Peterfalvi (1973, p. 14) A Psicolingüística é criada "intencionalmente" em 1951, em seguida a um "seminário de verão" em Cornell/EUA, do qual participam os lingüistas T.E. Sebeok e F.G. Lounsbury e os psicólogos C.E. Osgood, J.B. Caroll e G. A. Miller. De acordo com Peterfalvi a Psicolingüística foi criada "...por uma reunião de especialistas que, além de redigirem sua certidão de nascimento, fizeram um minucioso levantamento dos vários problemas que a nova disciplina deveria tratar..."

Idéias como as de *psiquismo*, *mente*, *cognição*, e principalmente a idéia de *inconsciente*, são absolutamente subjetivas, são *constructos teóricos* ineficazes no entender dos *behavioristas*. Pensam eles que seja preciso criar equações ou paradigmas do tipo S\_\_R (a um estímulo corresponde uma resposta) e definir *objetivamente* a produção da linguagem como *um repertório de respostas condicionadas socialmente*.

Temos, portanto, no próprio cenário de nascimento da Psicolingüística um campo epistemológico comprometido com o *Behaviorism*. Qualquer objeto que escape à análise experimental é descartado em princípio do campo de investigação.

Sabemos que a noção de *Inconsciente*, construída por Sigmund Freud, no início do século XX, é declaradamente aquilo que o *Behaviorism* denomina *constructo teórico*. Isto quer dizer que a noção de Inconsciente consiste em um modelo abstrato que serve à explicação do psiquismo humano (a própria idéia de *psiquismo* já é um constructo teórico). Não é *observável* ou *mensurável*. Não se constitui em *instrumento de predição do comportamento*, como seria do interesse do *Behaviorism*.

Além da herança positivista da Psicolingüística, não podemos nos esquecer de que ela é fruto do casamento entre a Psicologia e a Lingüística. Este fato serve também à explicação da ausência da noção de Inconsciente em seu campo teórico. A Lingüística aventura-se até à consideração de um processo mental que na Psicologia, Pedagogia e ciências afins, chamamos *Cognição*. A *Cognição*, no caso dos estudos lingüísticos, trata apenas dos processos mentais, da *representação mental* (processo de construção do *significado*), ou seja, processos racionais do tipo: *aprendizagem e operação de signos*.

A *Gramática Gerativa*, parece ser o referencial linguístico mais empenhado em apontar a interferência dos fatores psicológicos no chamado - por Noam Chomsky - *Desempenho Linguístico*. Chomsky, porém, fala de fatores psicológicos em geral (Lyons, s.d., p. 82-118) como se se referisse apenas à cognição, à interferência das emoções humanas nos processo de pensamento e aprendizagem. Ele não chega a considerar um plano psicológico inconsciente interferindo na produção da linguagem.

O Inatismo da Gramática Gerativa Transformacional, com sua origem estruturalista, inaugura um verdadeiro campo de batalha entre a equação behaviorista (S\_\_R) e o modelo estruturalista inato (DAL).

A partir de Chomsky algo pode mudar na Psicolinguística. A linguagem não é mais um conjunto de hábitos adquiridos; não é mais somatória de respostas condicionadas, mas sim *competência lingüística gerada* a partir de dados linguísticos rudimentares, mediante um processo interno, a *criatividade*. A criatividade, porém é um conceito, do qual a Lingüística não pode dar conta e, segundo Chomsky, é objeto da Psicologia. Chomsky aponta para os fatos psicológicos que escapam à competência da lingüística. Tais fatos seriam como "algo" que se intromete no desempenho lingüístico. Esse "algo" que é de natureza psicológica, encurta ou alonga enunciados, podendo até mudar o seu sentido.

Outros referenciais teóricos servem às avaliações do perfil linguístico e às práticas terapêuticas da linguagem e, embora não sejam identificados como pertencentes ao referencial da Psicolinguística, são os mais utilizados no trabalho clínico.

Podemos lembrar o *Sócio-interacionismo*, iniciado por Lev Semenovich Vygotsky, (Vygotsky, 1991) a partir de uma orientação materialista-dialética. Nessa abordagem teórica *o social precede o individual* e, portanto, a práxis é fundamental para o desenvolvimento do pensamento e da linguagem. Vygotsky avaliava a Psicanálise freudiana como *idealista e metafísica*, em função do referencial marxista que apoiava o seu trabalho (Vygotsky, 1991). Falar sobre a *interioridade* do indivíduo é, na abordagem materialista-dialética, incorrer na ignorância do *social*, é negar a importância da práxis. Sendo assim, apesar de Vygotsky referir-se às situações de ansiedade vividas pela criança pequena - o que levaria à emergência da *fala egocêntrica* para lidar com elas - não explora a natureza psicológica dessas situações.

Podemos lembrar também o *Construtivismo* de Jean Piaget, a *Epistemologia Genética*, um competente referencial teórico sobre a construção do pensamento e suas relações com a linguagem.

A linguagem, no pensamento de Piaget e de seus seguidores, constitui apenas um canal de comunicação dos processos cognitivos. Ela não modela o pensamento, como quer Vygotsky, nem é necessariamente útil para a construção dos conceitos. Nem sempre ela diz sobre a realidade do desenvolvimento cognitivo. Nesse sentido, os piagetianos não consideram a linguagem um alvo fundamental da análise do desenvolvimento cognitivo. Ela é importante apenas como “meio” através do qual os processos cognitivos são avaliados.

Para Piaget a linguagem constitui uma forma de *função simbólica*, uma forma particular de função simbólica. Ela é efeito da aprendizagem de signos e da formação dos conceitos.

Falemos, finalmente, do trabalho de Cláudia Lemos, propositadamente deixado por último, uma vez que é o que mais oferece apoio à idéia de *sujeito psicolingüístico*, que este estudo tentará delimitar.

O Sócio-construtivismo de C. Lemos, parente próximo de L.S.Vygotsky, fala explicitamente de um *sujeito lingüístico* constituído no processo de interação social. Neste caso, a unidade de análise do *discurso* da criança é o *diálogo*.

A criança caminharia de uma total *dependência dialógica* para a condição de *interlocutor*; da condição *interpretado* para a condição de *intérprete*; passaria da condição de *falada* para a condição de *falante*.

A criança pequena não é, portanto, um sujeito lingüístico, mas passa por um *processo de subjetivação*, ou seja, de *constituição do sujeito lingüístico*. A condição de dependência dialógica transforma-se em *posição discursiva* quando a criança passa a ser *intérprete do outro*, de si próprio e da *linguagem como geradora de significado e intenção*, ou seja, como veículo de comunicação com o mundo.

Podemos dizer que, no entender de Cláudia Lemos, a constituição do sujeito lingüístico depende intrinsecamente da constituição do sujeito psíquico, uma vez que só se pode considerar um sujeito lingüístico instituído quando a criança pronuncia e compreende o pronome pessoal *eu*.

Cláudia Lemos, porém, apesar de referir-se competentemente ao *sujeito lingüístico* e a um possível sujeito psicológico, não considera a noção de inconsciente. O sujeito psicológico, aqui, refere-se ao sujeito da construção do pensamento, bem coerentemente com as idéias de L.S.Vygotsky.

Refere-se àquele sujeito capaz de representar o real, de operar signos linguísticos e pensar mediante conceitos sobre o real. Não se trata, de maneira alguma, de um sujeito, que vamos chamar agora de *psíquico*, um sujeito das *relações simbólicas* de que fala Freud.

Podemos nos perguntar a essa altura: afinal, porque seria tão importante considerar a idéia de inconsciente no estudo da produção da linguagem? Isto é justamente o que este trabalho vai sugerir: os motivos pelos quais a noção psicanalítica de inconsciente é de fundamental importância para o estudo da aquisição e desempenho lingüísticos. Acreditamos que este é um caminho fértil para o estabelecimento de uma *ponte teórica* entre o corpo de conhecimentos da Fonoaudiologia e os recursos da Psicanálise.